

Poéticas híbridas em meio digital: entrevista com Caio Ribeiro

Hybrid poetics in digital media: an interview with Caio Ribeiro

Poéticas híbridas en medio digital: entrevista a Caio Ribeiro

Matheus Guilherme Antunes Soares dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

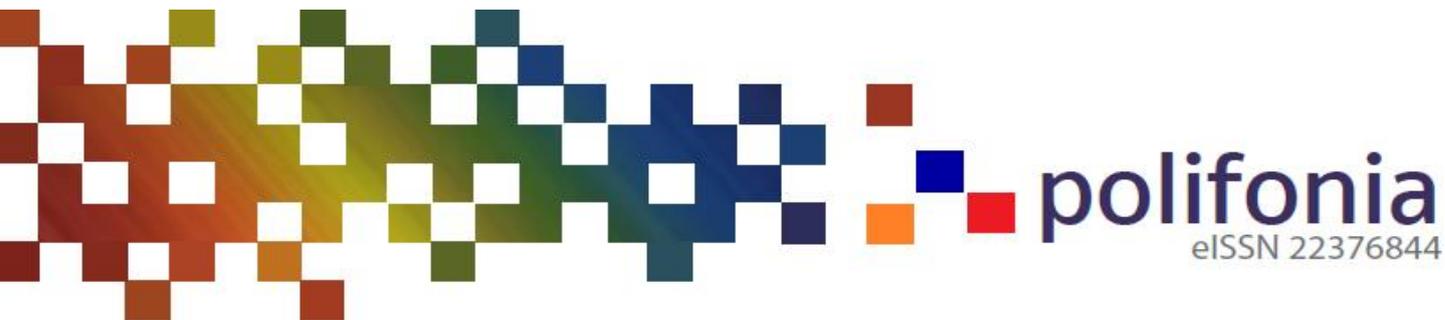
Lívia Ribeiro Bertges
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Vinícius Carvalho Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Introdução

O campo da literatura contemporânea vem se desenhando, nas últimas décadas, cada vez mais como expandido (KRAUSS, 1985), inespecífico (GARRAMUÑO, 2014) ou pós-autônomo (LUDMER, 2010), num movimento em que o literário flerta com outras mídias e outros sistemas culturais para tornar-se múltiplo. Nesse processo, assistimos à proliferação de formas artísticas híbridas, especialmente no âmbito da poesia, que vai ganhando novos modos de significar a palavra quando falada, cantada, performada, diagramada, compartilhada, programada, grafitada... Assim, do poema impresso em página de livro, eclodem novas formas líricas no *slam*, no videoclipe, no hipertexto, em poemas visuais, na arte urbana e em tantos outros regimes de sentidos que as novas mídias propiciam.

Na cena literária de Mato Grosso, também vão se desenvolvendo projetos artístico-literários desse cariz intermediário, tornados conhecidos do público

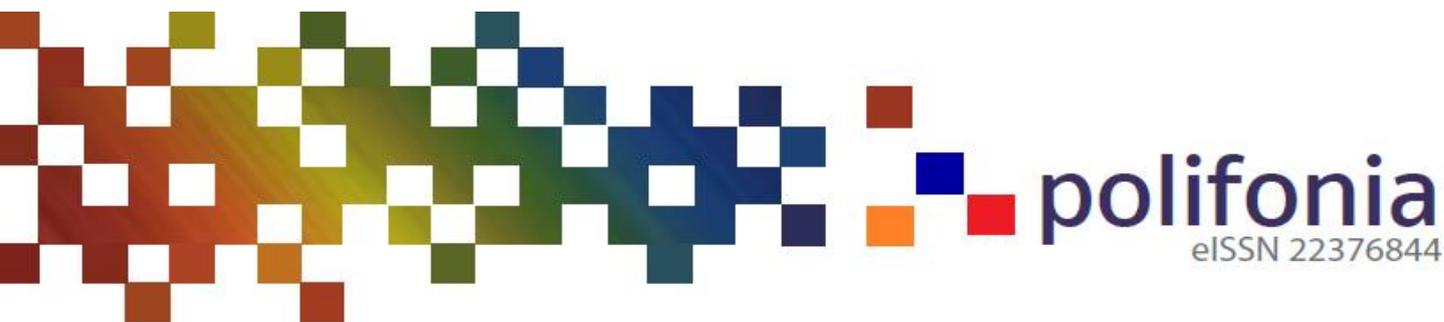


principalmente por meio das redes sociais, como o Instagram. Nessa massiva plataforma, em que os poetas conseguem não apenas leitores, mas também seguidores, seus projetos artísticos circulam com uma rapidez e um alcance estranhos à temporalidade editorial do impresso, mas sempre correndo o risco de se tornarem obsoletos, esquecidos ou “cancelados” com a mesma celeridade. Cumpre-nos, pois, estudar como a cena literária de poesia intermídia de Mato Grosso vai se desenhando em espaços como o Instagram.

Nessa rede, observam-se perfis de variados poetas do estado, os quais fazem usos bastante distintos da plataforma, que incluem, mas não se resumem a: (i) compartilhar instantâneos de seu cotidiano, em fotos da vida íntima ou de atividades profissionais e artísticas; (ii) divulgar projetos, livros publicados, eventos e prêmios; (iii) publicizar trechos de suas obras impressas, por meio de fotografias de páginas escritas; (iv) experimentar com os recursos do Instagram para a criação poética. Transitando entre esses distintos usos da plataforma, destacamos o poeta Caio Ribeiro, membro de uma geração de jovens artistas no estado, agitando a cena cultural e literária de Mato Grosso, e com presença marcante no Instagram. Seu perfil na plataforma é @caiosubindo e conta, em 09/05/2023, quando este texto está sendo escrito, com 2.480 seguidores e 330 publicações no *Instagram*.

O autor possui marcada identidade artística dentro da rede, com seu feed composto majoritariamente por fotos e vídeos em que o poeta aparece e por alguns poemas visuais. Seus conteúdos originalmente postados em *stories* (ou repostados do *feed* para os *stories*) estão atualmente organizados em 3 destaques: *Impulsopoemas* (comentados mais à frente neste arquivo), *poemasss* (coleção de poemas visuais digitais e de fotografias de poemas visuais impressos) e *LAPEX* (registros em vídeos e fotos de oficinas de poéticas experimentais com Caio Ribeiro e Henrique Santian).

O acervo pessoal do criador na plataforma registra trabalhos artísticos além da literatura, visto que Caio atua também como ator e ministrante de oficinas relacionadas à arte, o que se manifesta em sua *bio*: “Artista // palavra•imagem•corpo•cidade/MT~CE



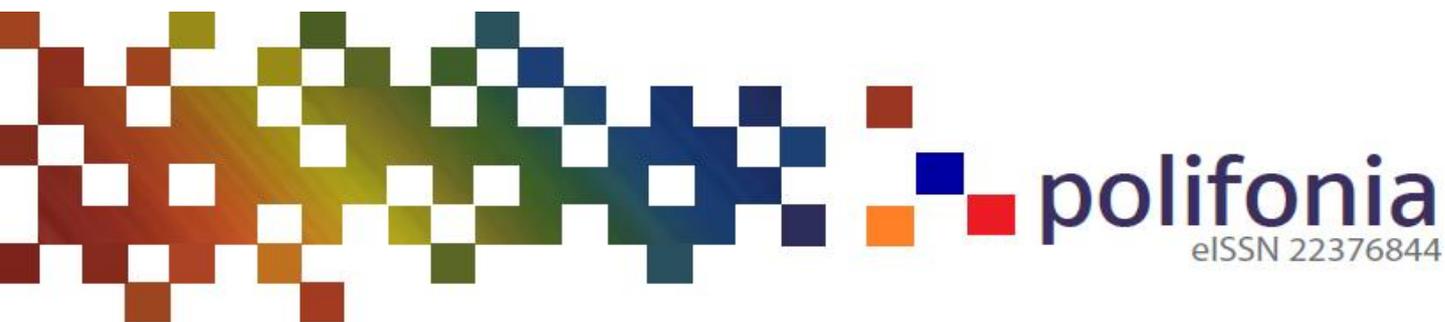
(...)”. Além disso, é editor e fundador da revista digital *Matapacos*¹; membro fundador do Coletivo Coma A Fronteira (@comaafrenteira), o qual se dedica às artes híbridas e intervenções urbanas; e colaborador da Pahca Games (@pahcagames), plataforma mato-grossense para criação de jogos independentes.

Caio, que também é autor de livros impressos, como *Colecionador de Tempestades* (RIBEIRO, 2017); *Manifesto da Manifesta* (RIBEIRO, 2018); *Loucos e sábios: o livro dos diamantes*, em coautoria com Marília Beatriz de Figueiredo Leite (RIBEIRO; LEITE 2021); e *Manifesto da manifesta: mundo-livro* (RIBEIRO, 2021), é o poeta cuja entrevista aqui apresentamos, a fim de compartilhar com o público leitor um pouco dos processos de criação e inscrição do artista na plataforma Instagram. A entrevista foi realizada online em 22/11/2022, e o poeta, enquanto respondia às perguntas dos entrevistadores, às vezes compartilhava a tela de seu computador, às vezes fazia menções a trabalhos seus publicados na rede. Para melhor permitir que os leitores acompanhem a discussão, remetemos, em notas de rodapé ou inserções no corpo do texto, aos links para os poemas, projetos e outros perfis mencionados na entrevista. Ademais, acrescentamos algumas notas explicativas a fim de facilitar a entrada nesta importante discussão sobre poesia e novas mídias, em especial nas redes sociais, dentro de Mato Grosso.

ENTREVISTADORES – Caio, agradecemos por ter disponibilizado seu tempo para falar conosco. Esta entrevista é parte de um mapeamento dos instapoetas² de Mato Grosso, no âmbito do projeto “Crítica e preservação da poesia digital mato-grossense”, agraciado com apoio financeiro por meio do Edital FAPEMAT 008/2022 - Humanas, Sociais, Linguística, Letras e Arte. Gostaríamos, então, de entender um pouco mais sobre como você organiza o seu perfil no Instagram, como publica e compartilha os seus projetos na rede social, como explora determinados recursos da

¹ Disponível em: <https://issuu.com/revistamatapacos>.

² Termo com que a academia e o mercado editorial vêm chamando poetas que utilizam o Instagram como plataforma de publicação e/ou divulgação de seu trabalho.

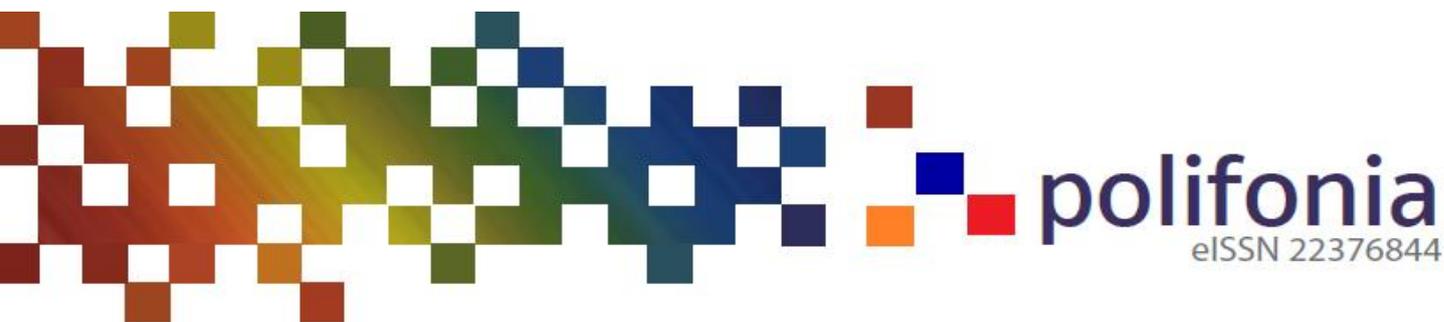


plataforma etc. Pedimos também que você não apague³ o seu perfil no Instagram enquanto durar esta pesquisa (risos). E perguntamos até que ponto você acha que tem sido saudável esse contato com as redes, sejam elas as mediadas pelo computador ou pelo celular. Elas ajudam, ou geram dificuldades nos processos criativos?

CR – Primeiro, quero agradecer a vocês a oportunidade desse diálogo. Bem, respondendo à pergunta, a minha relação com o Instagram tem um trajeto que é permeado por vários conflitos. Eu montei minha rede social em 2012, quando o Instagram tinha começado. Meu perfil era mais relacionado a postar fotos de comida com filtro etc. Essa rede social veio acompanhando a minha vida e chegou um momento, talvez em 2017, em que eu excluí meu Facebook, que era a rede que continha muitos trabalhos meus. Acabei perdendo um monte de texto que era publicado em formato de postagens... Mas eu nunca me dei bem com a ideia de uma rede social, e essa é a grande questão. Eu não me adapto a elas, então o Facebook foi um primeiro corte. Eu tive um perfil no Twitter por um tempo, mas também excluí, e acabou que fiquei apenas com meu blog, que é a rede que eu mais uso. A blogosfera⁴ já não é mais um ambiente de internet, mas eu peguei muito esse período da rede, e seguia muitos blogs. Enfim, fiquei no meu blog, site, Instagram e WhatsApp (que é uma rede social também), e então fui seguindo. Dentro da minha própria carreira como artista, passei por vários momentos no Instagram: o primeiro foi tirar as coisas mais pessoais, como fotos da minha família e minha ex-namorada. Fui apagando e tentando deixar material mais relacionado ao trabalho, só que, nessa época, era um “Caio performer”: era ator de teatro, fazia filme... Em 2017, surgiu para mim a literatura, e fiquei pensando em como conciliar esse tipo de conteúdo com o que eu já fazia antes,

³ Um constante desafio para a pesquisa sobre a literatura em contexto digital (ROCHA, 2014) é a obsolescência a que estão sujeitas as tecnologias em que os textos estão inscritos e/ou arquivados. Páginas da web são retiradas do ar, perfis em redes sociais são desativados, softwares antigos deixam de funcionar após atualização de sistemas operacionais, ou tecnologias proprietárias são descontinuadas. Eventos dessa monta constituem desafios constantes à pesquisa na área da literatura em contexto digital.

⁴ Termo que designa, de modo coletivo, a comunidade formada por todos os blogs (weblogs).



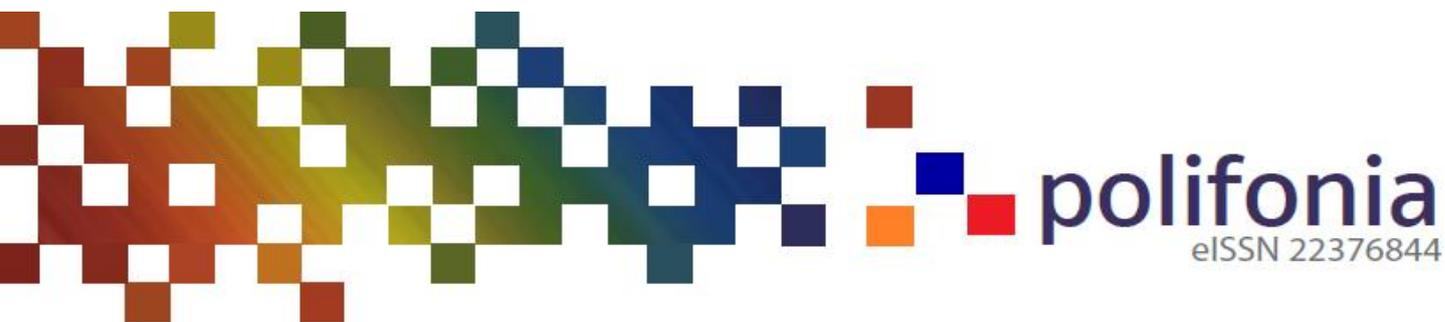
pois o material da literatura é tão menos estético para o Instagram... Geralmente, é um *template* de texto, então eu ficava incomodado em ver numa postagem uma estética de carne humana, com paleta de cor, e depois outra com texto, fundo branco. Sempre foi difícil manter um *feed*, e me lembro que o Instagram mudou a quantidade de fotos que iam ficar na página. Foram ocorrendo várias mudanças e fui deixando. Aí, um dia, em 2018, eu decidi dar uma limpeza definitiva e deixar só os meus trabalhos e criei um outro perfil, que é o que eu uso mesmo para ter as minhas coisas pessoais. Esse meu Instagram acabou se tornando um lugar onde eu publico as atualizações do meu trabalho, e a minha lógica é essa. Eu tive uma reunião ontem, por exemplo, sobre um curso que ministrei para a Casa Silva Freire⁵ e, como não é uma coisa permanente, isso vai para os *stories*. Mas, se fosse algo mais a longo prazo, eu colocaria no *feed*, porque dá essa ideia do que eu quero que permaneça e do que eu quero que seja visto público. Avalio, julgo e classifico os meus conteúdos dessa forma e, talvez, ao fim de todo esse ciclo com a Casa Silva Freire, eu faça uma imagem com vários *prints* e coloque no *feed*. Já em relação à poesia, em 2018 ou 2019, quando eu estava bem na literatura, com *Manifesto da Manifesta*, lambe-lambe⁶, esses foram os momentos em que eu priorizei mais um pouco do meu processo, postando poesia *blackout*⁷, poemas visuais... Só que aí a vida tomou outro rumo: fui para o audiovisual, voltei para o teatro, comecei a fazer produção cultural, caí no Salão Jovem Arte⁸ e comecei a trabalhar com mediação cultural. É nisso que está a minha área de interesse no momento. Meu Instagram fica sempre acompanhando os limites e os não limites da minha vida, centralizando-os, porque é a única rede social em que eu tenho um compromisso com postar o que eu produzo. Eu também tenho uma conta em uma outra

⁵ Disponível em: <http://www.casasilvafreire.org.br/>.

⁶ Por exemplo, o disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGoFx5hFK-1/>.

⁷ A *poesia blackout* é produzida por meio de apropriação de textos impressos dos quais são suprimidos trechos por meio de corte ou rasura. As palavras restantes (não cortadas nem rasuradas) do texto original acabam por formar um novo texto. Por exemplo, o poema disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7oHoSoF9R5/>.

⁸ Conforme disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRzoZZGF-CX/>.

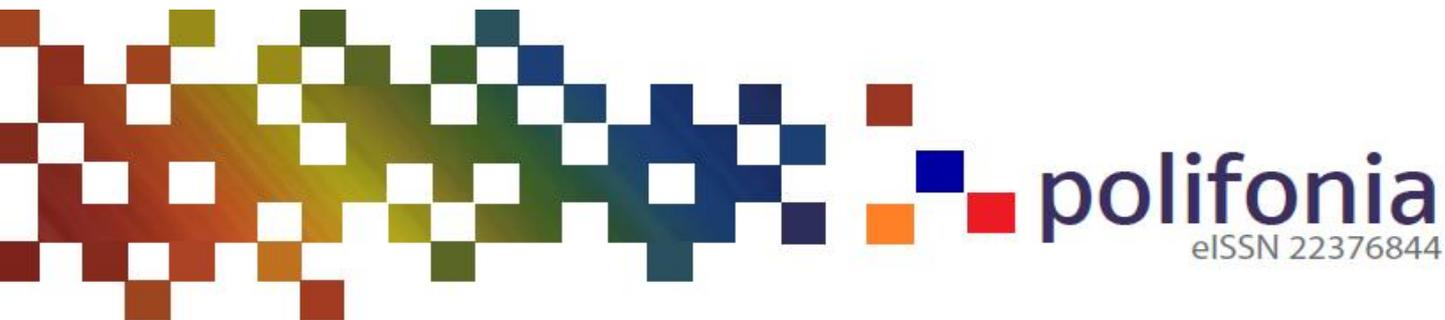


rede social de que eu gosto muito, chamada Mastodon⁹. É uma espécie de Twitter a que eu me adaptei muito bem: lá tem a sua linha do tempo, que é quem você segue, e você faz parte de uma “instância” (à sua escolha), que é como se fosse um partido político, com regras. Tem uma que se chama Bantu, que é só para pessoas não brancas, e que tem todo um debate social. Também tem a Ursal, que é só para falar de política. Eu estou em uma que se chama Mastodon Social, que é para brasileiros interagirem. Ou seja, você tem a sua linha do tempo (você pode seguir quem quiser) e tem a linha do tempo da sua instância, que tem todas as linhas do tempo juntas. É uma rede social em que eu posso ficar só vendo meu *feed*, com somente o que eu quero, mas eu também posso ver os pares que estão no meu grupo ou também ver o do mundo inteiro, como um chinês postando sobre um projeto que está criando e do qual eu não entendo nenhuma palavra (risos).

ENTREVISTADORES – Essa é uma rede social mais geral, para perfis variados, ou direcionada só para o âmbito artístico?

CR – Ela “é tudo”. É uma espécie de Twitter, só que cada instância pode determinar o número de caracteres que você pode colocar na sua postagem. Lá eu publico meus poemas e faço várias coisas. Tem um feedback que não tem algoritmo, então tudo o que eu postar vai ser visto por quem estiver ali naquele mesmo tempo. É uma rede em que existe um compromisso. Por exemplo, quando eu entrei, na minha instância não era permitido postar uma foto sem colocar um alerta de conteúdo caso fosse uma selfie olhando para câmera. Isso é porque há muitos autistas que usam a rede, e esse confronto é desconfortável para eles. No começo, eu pensei “Para que que eu vou colocar isso?”, mas então um usuário autista me explicou na rede mesmo: “Você precisa colocar um alerta de conteúdo e escrever *selfie - contato visual*. Aí, a pessoa clica se quiser ver, e se não quiser, a foto fica borrada”. O Mastodon tem umas funcionalidades muito interessantes para caber todos os públicos. Você também tem que fazer uma descrição de imagem porque tem muita gente

⁹ Disponível em: <https://mastodon.social/explore>.



cega. Enfim, parece que finalmente encontrei uma rede em que eu não tenho que ficar postando toda hora e onde não existe o conceito de seguidor, porque você pode ver a postagem de todo mundo do planeta sem precisar seguir. Foi uma rede a que eu finalmente me adaptei e é lá que eu tenho estado mais tempo, além do blog, onde eu estou toda semana.

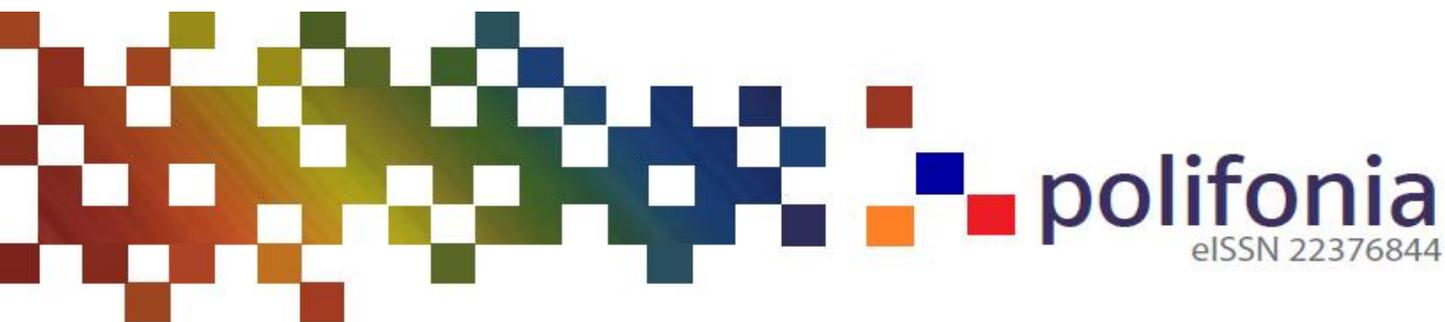
ENTREVISTADORES – Analisando as suas postagens no Instagram, muitas com poemas onde havia um jogo tanto com os recursos tanto do texto poético quanto da plataforma mesmo, vemos que a visualidade é muito trabalhada nos seus textos. Uma pergunta que surge, então, é: quais recursos do Instagram você acha mais interessantes ou mais exploráveis para a produção de poesia?

CR – Como um recurso que a rede me oferece?

ENTREVISTADORES – Isso. Quais recursos oferecidos pelo Instagram você acha mais interessantes para a poesia?

CR – Eu acho que nenhum, mas tem uma coisa que é muito interessante. Não é um recurso do Instagram, mas é um recurso do que a gente entende por internet e que no Instagram funciona muito bem: as *hashtags*. Quando algumas pessoas entram em contato comigo para comprar meu livro, muitas vezes eu não as sigo, elas não me seguem, não seguem ninguém que eu siga e, por incrível que pareça, eu consigo vender de uma forma legal na internet sem divulgar que eu estou vendendo. A pessoa me encontra por uma *hashtag* que eu coloquei e entra em contato. A *hashtag* foi muito útil no sentido tanto da difusão, mas da difusão que se transforma em uma venda mesmo, como uma circulação. Acho que as *hashtags* do Instagram funcionam bem. Ah, e tem também aquela “lupinha”¹⁰ no Instagram, que é o algoritmo te enganando, colocando junto o que você gosta e o que ele quer que você goste. Acaba que, no meu perfil, só aparecem recomendações de performances e poemas, poemas de rua, poemas visuais. Acabou que

¹⁰ Ícone da funcionalidade de busca, onde também aparecem recomendações da plataforma para o usuário.



virou uma minienciclopédia visual para mim. Não sei se vocês que me acompanham percebem, mas, às vezes, eu fico postando muitas fotos de filmes, performances, poemas, músicas, e isso tudo é o que eu venho extraíndo da “lupinha”, que sempre vai me dando “a luz” – uma luz de algo de que eu gosto. É interessante que, quando eu salvo aquele conteúdo, ele começa a aparecer mais, então eu sinto que eu vou direcionando o algoritmo, tendo a ilusão do que eu estou tentando selecionar. Do nada aparece um tênis porque eu falei que queria um. Acho que é isso: a “lupinha”, as *hashtags* e a opção de salvar; essa tríade forma o que eu mais uso no Instagram.

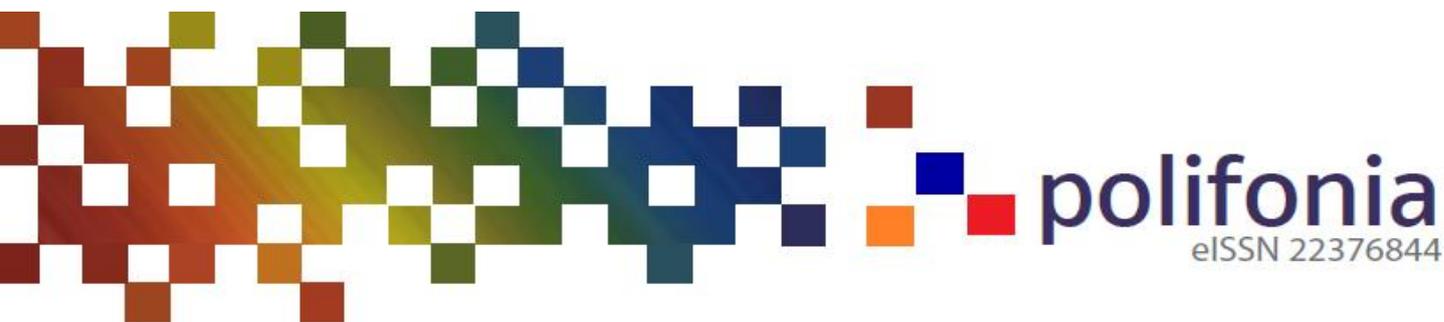
ENTREVISTADORES – Você diria que o Instagram o ajudou a vender mais os seus livros, alcançar mais leitores, pessoas para conhecer o seu trabalho?

CR – Eu não consigo dizer se me ajudou mais, mas eu consigo dizer que me surpreendeu quanto à maneira como me ajudou. Eu pensava que fosse pouco, mas, na verdade, foi mais do que o esperado, porém ainda não sei quantificar, porque o trajeto do livro lançado em Cuiabá é vender no lançamento e ficar um tempo indo de porta em porta. Eu considero que vendo bem, porque, no último lançamento, eu vendi 80 livros, e isso é algo extraordinário, surreal, ao mesmo tempo em que é tão pouco, mas aqui esse número é considerado muito. Na internet, é muito mais intenso, porque às vezes eu vendo 3 por semana. Eu não sei dizer se me ajudou a vender mais, mas com certeza me ajuda a vender.

ENTREVISTADORES – E você consegue fazer uma comparação entre as vendas que vêm pelo Instagram e as que vêm pelo Mastodon?

CR – O Instagram difunde mais porque ele permite lançar mão de imagens e de links para acessar o meu site, já no Mastodon são postagens pequenas, em que eu vou colocando fragmentos.

ENTREVISTADORES – Você acha que o Instagram seria mais comercial, talvez, do que outras plataformas?



CR – Eu acho que o meu uso para o Instagram o tornou a minha plataforma mais comercial. Eu tenho um perfil fechado e mais pessoal, e outro mais comercial, onde eu deixo o *feed* bonito, arrumado e com trabalhos que eu considero importantes. Mas nem todos os meus trabalhos estão ali: os que eu fazia em 2012 ou 2013 não estão. Aparecem os mais recentes e os mais importantes.

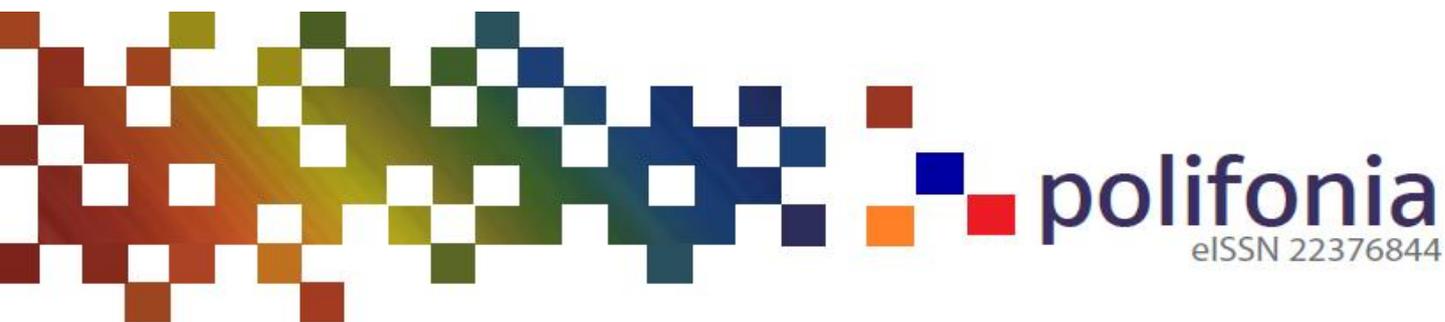
ENTREVISTADORES – Entre as produções no seu perfil no Instagram, você poderia falar um pouco mais sobre os “Impulsopoemas”¹¹?

CR – Eu queria muito retomá-los, e é engraçado que eu só tenho um impulsopoema salvo. Eu os fazia há muito tempo, mas o Instagram não permitia antigamente você salvar um story no destaque. Então, eu fazia vários, mas perdia. Só depois veio essa nova configuração, e eu criei um destaque apenas para os impulsopoemas. Só que, depois, eu nunca mais fiz. Eu passei a ter a oportunidade de deixar registrado, mas a vida se encarregou de não me deixar mais fazer isso (risos).

ENTREVISTADORES – Você fez muitos impulsopoemas?

CR – Sim, era muito bom. Às vezes, no tédio, eu pedia: manda uma palavra e volta um poema. De vez em quando, fazia alguns com vídeos. Teve uma vez em que fiz até com leitura em voz alta; era algo bem divertido. Era um diálogo de proximidade da rede social, porque a pessoa estava falando comigo e eu devolvendo para ela. Então, era mais do que

¹¹ Disponíveis no perfil @caiosubindo, no destaque “Impulsopoemas” (<https://www.instagram.com/stories/highlights/17904987829463164/>), os textos que compõem essa série são analisados em detalhes por dos Santos, Bertges e Pereira no artigo intitulado “Instapoesia: uma leitura de ‘Impulsopoemas’, de Caio Ribeiro” (no prelo). Trata-se, segundo os pesquisadores, de “17 poemas de Caio Ribeiro, os quais podem ser divididos em dois blocos conforme sua data de postagem: o primeiro, com 8 poemas, foi postado em maio de 2021; o segundo, com 9 poemas, em novembro de 2022. (...) Cada um dos 17 impulsopoemas de Caio Ribeiro foi produzido em uma dinâmica de escrita coletiva, na qual ocorria uma interação entre poeta e leitores-seguidores por meio de enquetes em *stories* do seu perfil. O poeta postava um primeiro *story* com a instrução “deixe uma palavra que eu deixo um poema” (...) e recebia em resposta uma sugestão de vocábulo motivador. Com base nessa palavra sugerida, o poeta compunha um breve poema e o postava em seus *stories*”.

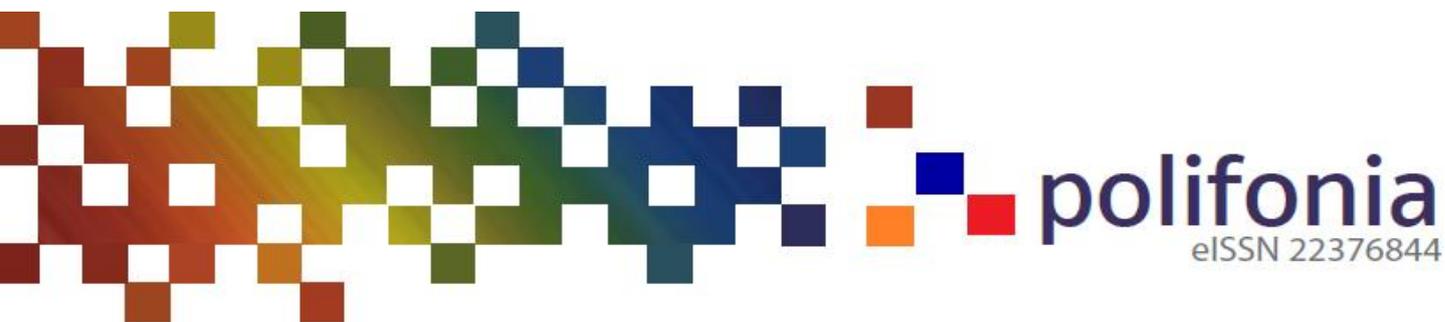


um recurso para eu postar um poema: era um recurso para dialogar com alguém através de um poema postado. Eu adorava fazê-los. A ideia era de ser por impulso mesmo, do tipo “manda aí, que eu faço agora”. Eu respondia a todos que me mandavam. Já teve com besteira, palavrão...

ENTREVISTADORES – Nunca tínhamos visto ninguém utilizar o recurso das enquetes do Instagram dessa forma, então nos pareceu algo muito inédito. Um outro movimento que você faz muito bem também é circular em muitas esferas: vai do livro para o Instagram, do Instagram para o site, do Instagram para o livro... Queríamos saber um pouco mais dessa sua circulação entre plataformas: soa como natural para você? Você planeja nisso ou deixa acontecer de modo menos controlado, conforme o que é mais razoável naquele momento?

CR – Existem dois meios do meu trabalho: (i) O meio artesanal, que é o que mais me dá prazer, e é o que eu menos posto, justamente por sentir que ele está tanto no campo do prazer que eu não vejo mais como algo instagramável. Às vezes, esqueço de fazer foto, às vezes a foto sai feia, enfim. (ii) Outra parte do meu trabalho é que eu sou um diagramador: trabalho com programas que fazem livros; no caso, o Indesign. Nos meus livros, a diagramação é feita por mim, e algumas ilustrações também, então isso me dá um certo domínio de quando eu faço um poema digital, e ele tem, em geral, duas sentenças na minha vida: ou vai virar um lambe-lambe, ou eu vou aproveitá-lo para desenvolver algo a mais depois. Como eu crio muito e o tempo todo, às vezes eu tenho uma ideia de uma palavra que é uma letra em cima de uma letra, e eu preciso ver se isso dá certo. Não tem como eu recortar a letra, então já abro o computador, pego a mesa digitalizadora, coloco um R, coloco um outro R em cima e virado, vou juntando-os e penso “nossa, isso ficou muito interessante”. Às vezes, vira um lambe-lambe, se for para ser muito rápido. Por exemplo, aquele último que eu postei da série “Cidade Imaginável”, era o “Aluga-se poema”¹². Eu fiz em um minuto: saí de casa, estava indo para um compromisso e vi um

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbAostCuPEv/>.



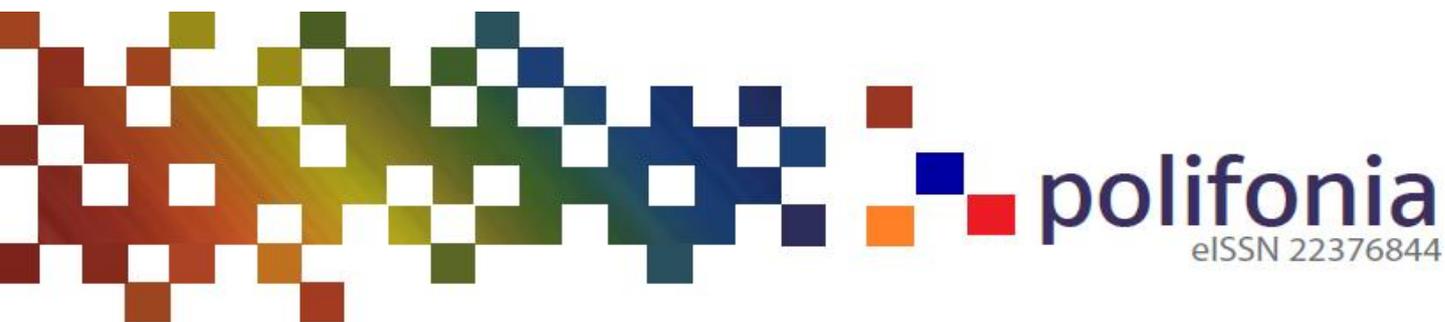
cartaz onde se lia “Aluga-se casa”. Então, eu voltei e fiz o “Aluga-se poema, 34 versos”. Ou seja, peguei o anúncio, converti em poema e coleí em cima do anúncio que estava colado no poste. Foi algo tão rápido que só o digital me permite criar na mesma velocidade. Agora, se for para vermos processos mais analógicos, já entramos na questão de quando eu estou pensando num livro inteiro, com vários conceitos, como em um poema maior. Às vezes, eu faço uma série de colagens que, na verdade, servem para eu escolher qual palavra eu vou usar em um outro trabalho meu. Nessa hora, vou para a colagem, recorto várias palavras, leio, pego imagens... O fato de trabalhar com algo nato digital já induz com mais facilidade para a divulgação digital, porque eu posso cortar a imagem, faço no tamanho certo do Instagram... Ou seja, é quase que criar tudo em laboratório.

ENTREVISTADORES – E você usa o computador, a mesa digitalizadora e o celular, provavelmente?

CR – O celular eu uso muito, especialmente para foto, iluminação (não só como um recurso de produção)..., mas também uso a tesoura e a cola. Eu estava trabalhando em umas “coisas” hoje e eu dei um curso ontem na Casa Silva Freire, para o qual eu remonteí um poema meu. No computador, tenho uma pasta no Indesign com um monte de material inédito e vários que vocês já podem ter visto. Tem um poema, por exemplo, que está assinado e postado no Instagram¹³. Ele já foi de várias formas, então existem essas experimentações que às vezes levam um tempo para irem acontecendo. Tem alguns processos registrados aqui no computador que eu também vou apagando.

ENTREVISTADORES – Você apaga os processos?

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CT-AzIHF5m/>.



CR – Apago. Tem muito de você ficar vendo a palavra, testando, como se dentro da sua cabeça o seu olho precisasse ter uma prova se que aquilo dá certo ou não. Então, o digital me permite testar muito. Este poema¹⁴ aqui, por exemplo, já foi preto com branco e branco com preto.

ENTREVISTADORES – No Instagram, você geralmente usa mais o preto e o branco, eventualmente o vermelho. Existe uma justificativa para essa escolha?

CR – Eu acho que existe uma causa, mas ela talvez não seja tão nascida para ser quem ela é. Wladimir Dias-Pino e Silva Freire¹⁵ me influenciaram muito e influenciam os meus conflitos também. Tem uma série de escolhas estéticas, porque, mais do que produzir, mais do que sentir o que era para mim natural – criar e brincar com as palavras –, eu queria estar em um movimento. Eu cheguei no Intensivismo¹⁶, no Poema//Processo¹⁷ e no Concretismo também, e havia escolhas estéticas que estavam sujeitas ao material que os poetas tinham na época. Quanto ao preto e branco, eu sinto que me adaptei bem com essas cores, mas já trabalhei também com verde no poema “Verde perto o fim do verde”¹⁸, e com vermelho também¹⁹. São os poemas de que eu menos gosto, mas são também os mais replicados, então entendi que há no Instagram uma necessidade maior de cores, embora eu goste de ficar entre o branco e o preto. Sinto que eu estou construindo ainda,

¹⁴ Durante a entrevista, Caio apresenta aos entrevistadores o poema disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYZHF69lh1M/>.

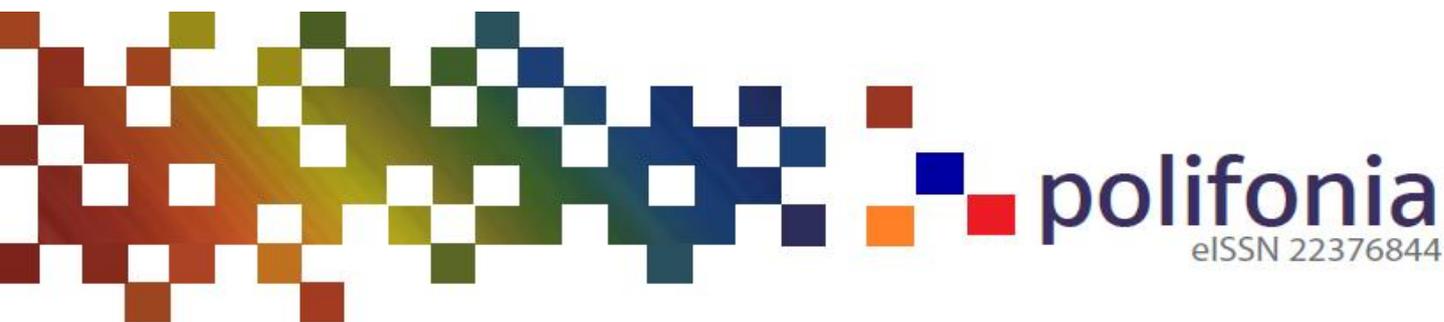
¹⁵ Importantes poetas da segunda metade do século XX em Mato Grosso. Boa parte de sua experimentação artística envolvia aspectos da poesia visual.

¹⁶ Movimento literário associado à poesia visual, iniciado em Mato Grosso sob liderança de Wladimir Dias-Pino. Segundo o Manifesto do Intensivismo (DIAS-PINO, 1951, p. 1), “o intensivismo é Simbolismo duplo. Além da imagem está outro significado poético. (...) O simbolista é um desenhista e o intensivista é um escultor. A escultura é um desenho de todos os lados”.

¹⁷ Vanguarda poética nascida de um desdobramento do Intensivismo. Tinha Wladimir Dias-Pino como um de seus precursores e “defendia uma premência do poema, como acontecimento concreto, em oposição à poesia, como abstração estética. (...) O Poema//Processo buscava uma aproximação de motivos temáticos como o tecnológico, em oposição ao psicológico, e o universal, em oposição ao regional. Além disso, propunha uma dicção coletiva, em lugar do individual, a fim de construir uma estética que rompesse com paradigmas representativos e figurativos” (PEREIRA, 2018, p. 480).

¹⁸ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CTiapzcFa0o/>.

¹⁹ Como, por exemplo, no poema disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJMMgq2Fxbn/>.



então acho que eu vou chegar na cor. Quando eu vou elaborar os meus materiais de aula, por exemplo, eles são sempre pretos e brancos também, mas ontem, na Casa Silva Freire, eu fiz um laranja. No mais, acho que é isso: uma escolha estética que quer pertencer a um movimento, quer replicar uma estética, mas que hoje não é mais necessária. Então, é uma resposta inconclusa.

ENTREVISTADORES – Quando estamos trabalhando a poesia no âmbito da visualidade, os primeiros recortes são o que é verbal e o que é não verbal. O seu trabalho com o verbal tem toda uma ludicidade, uma dinâmica própria de inversões e conversões. Você trabalha com jogos de perspectiva, trocas de letras²⁰, às vezes também uma exploração de diferentes línguas²¹, como o inglês, o latim; enfim, esses elementos verbais e visuais mais aparentes. Além disso, observamos questões de cor, do uso dos caracteres, da tipografia (serifada ou não), fora a espacialidade que está colocada na página.

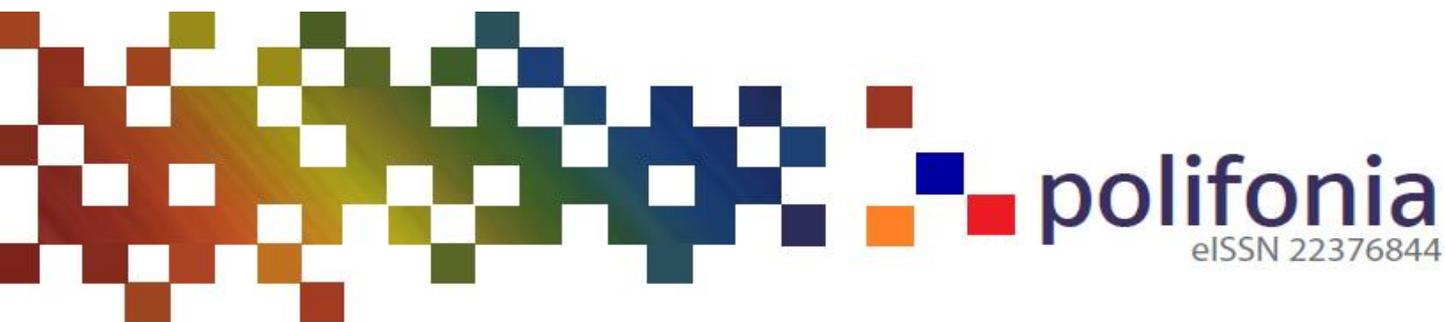
CR – Eu já fiz poemas que só têm uma fonte²²; se eu trocar, o poema acaba. Quando escrevo, eu penso: este aqui vai ser Bahnschrift; esse aqui, Courier New. Além disso, eu estou há um tempo com um projeto no qual estou criando uma fonte. É um processo demorado. Eu tenho buscado outra “coisa” inédita que ninguém sabe: a minha pesquisa inteira de criação de fonte tem vindo de rótulos de vinhos. Eu começo a olhar aqueles rótulos, aqueles desenhos, aquelas cores, vou fotografando e depois, digitalmente, recorto algo, edito um pouco. Estou em busca de um alfabeto, não estou fazendo um. E buscando também um vinho [risos].

ENTREVISTADORES – Como estamos discutindo um perfil em rede social de poesia em Mato Grosso, queríamos saber se você tem perfis no Instagram, ou em uma outra rede social, de poetas aqui de Mato Grosso com quem você dialogue e troque, ou que tome como uma referência.

²⁰ Como, por exemplo, no poema disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKSL11DFqe8/>.

²¹ Como, por exemplo, no poema disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYsc5AeMez3/>.

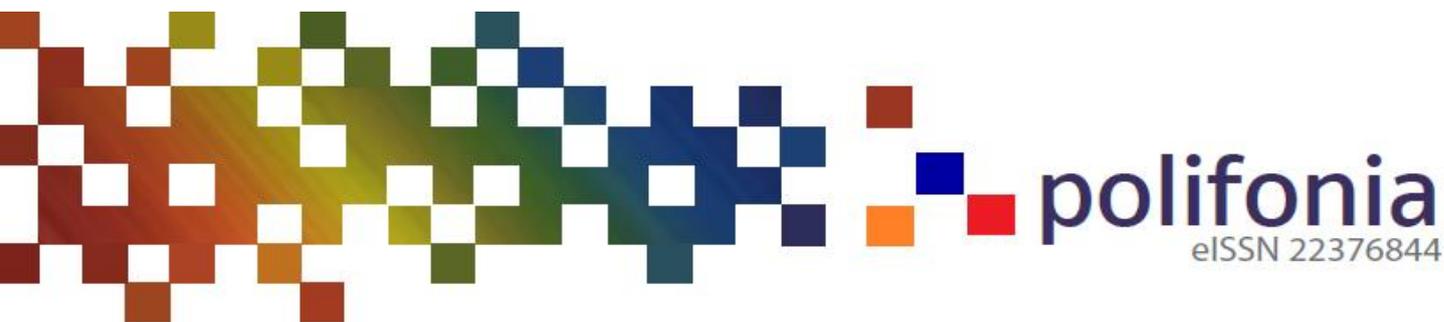
²² Por exemplo, o disponível em <https://www.instagram.com/p/CZHqdweFGvE/>.



CR – Eu acho que Mato Grosso está num movimento em que a literatura está ganhando muita dignidade. Digamos que os perfis estão migrando para uma tendência mais profissional. Eu vejo, por exemplo, a Divanize [Carbonieri] (@divanizecarbonieri), que tem postado uma série em que ela usa um bot que lê textos. Ela grava esses textos, usa bancos de imagem gratuitos para montar a paisagem, com uma relação entre voz e vídeo²³. É muito legal se pensarmos que, cinco anos atrás, a presença virtual da Divanize era muito diferente. Era mais uma professora que postava foto dos gatos, por exemplo, e agora ela tem todo um perfil dedicado a postar a programação em um congresso, uma entrevista que ela vai dar em uma rádio, um encontro, um texto. A Lucinda [Persona] (@lucindapersona) tem o perfil de que talvez eu mais goste porque é exatamente a sua poesia; não tem nenhuma diferença. São recortes da vida, só que, no livro, ela não nos dá imagem, e no Instagram a gente tem privilégio de ver o que ela viu e ter o texto. Você pega *Sopa escaldante* e vai ler. Se você conseguir imaginar uma folha que ela viu na janela, um teiú que ela viu numa árvore, vão estar ali, como o texto que estaria no livro. É um perfil de que eu gosto muito. Tem uma cadência de postagem mínima: ela posta no tempo que dá, e eu acho isso muito interessante. De Mato Grosso eu tenho alguns outros perfis que sigo. Eu acho que deve haver, sim, um compromisso de vermos. Eu sigo o Luiz Renato (@luizrenatodesouzap e @luiz.pinto2018), que está sempre em algum lugar apresentando algo; a Marcella Gaiotto (@xtropicax), que está sempre postando suas traduções. Outro perfil que gosto muito de acompanhar e que nos conhecemos por conta da poesia visual é o Daniel Minchoni (@danielminchoni), um poeta visual e instapoeta quase que full time, mas de brincadeira (risos)... Mas acho que ainda não há essa característica que, talvez, seja o que eu definiria como um instapoeta: aquele que produz *para* o Instagram, e não está mais nessa migração. Não conheço ninguém com esse perfil ainda; nem eu me enquadrando nesse perfil totalmente. Ainda estou em migração, tentando

²³ Por exemplo, o disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/CIPHsIRI51E/?igshid=NjZiM2M3MzIxNA==>.

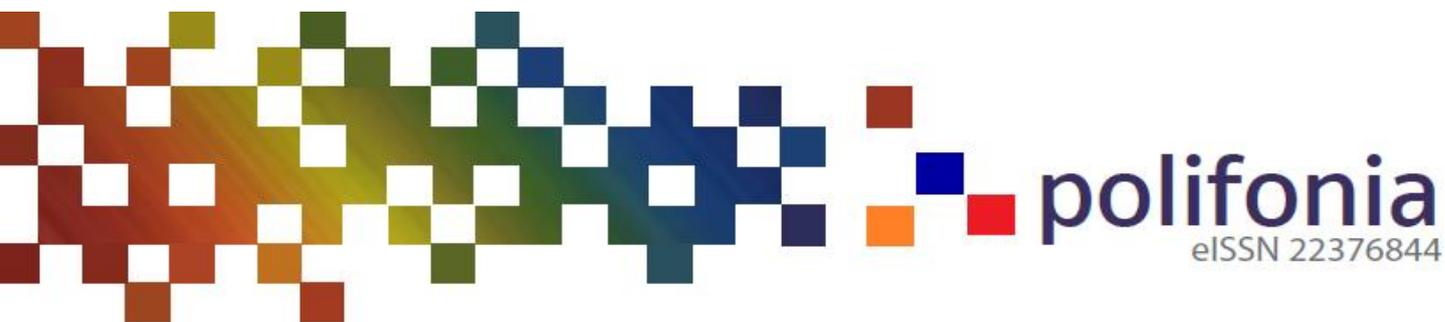


entender exatamente como o que eu escrevo vai para lá, porque, quando fazemos poesia visual, que é bem menos difundida pelo algoritmo do Instagram e na vida fora do virtual também, existem outros enfrentamentos. É muito mais fácil uma imagem com textão embaixo ou um vídeo viralizar. Eu tenho experiências em vídeo também, mas elas são visuais, então não são tão instagramáveis. O poeta visual fica “meio rabugento” com a plataforma. Às vezes penso: vou apagar tudo e quem quiser comprar meu livro que me ache [risos]. Então, fica esse dilema, porque não dá para dizer que a poesia visual é exatamente boicotada, mas ela não é trendy.

ENTREVISTADORES – Como você vê a poesia visual dentro de uma plataforma que é uma espécie de uma vitrine? Esse poético não trabalha tanto o óbvio.

CR – A poesia visual é tão mais óbvia; não precisa saber ler. crianças podem ver, brincar com ela. Se o Instagram é uma rede que começa com imagens, então teoricamente essa poesia deveria ser a que reina e circula livremente na plataforma, como imagem e texto. Só que o atraso que o capitalismo nos traz é que a rede social de imagem virou uma rede social de vídeo e de canal para você conversar pelo chat, portanto o propósito da rede não se cumpre. A poesia visual necessita de tempo, e o Instagram já não está permitindo mais essas “coisas” que necessitam de um pouco mais de tempo. Por isso, a minha briga de nunca achar que eu caibo ali, porque eu preciso de mais tempo, de que a imagem esteja na tela por mais tempo. Preciso de que, quando você passe para o lado, essa transição esteja ali e “segure” a imagem. A gente vai, passa para o lado, aperta duas vezes e logo rola para cima.

ENTREVISTADORES – A poesia visual é muito semelhante às artes visuais, porque, no espaço de um museu de uma sala expositiva, por exemplo, você tem esse tempo até que o museu se feche, e você fica encarando um objeto. Nós sabemos, como educadores, que existe também uma educação para essa interação, então fica a pergunta: é a questão da leitura que é o impedimento, ou então é uma questão da mídia: o texto analógico, o impresso em uma sala expositiva, um poema passado em

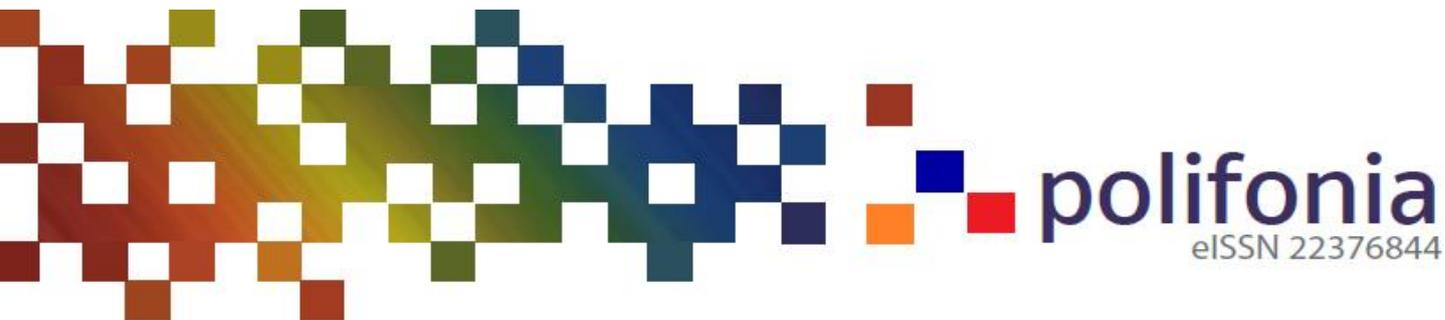


uma televisão, ou seja, é uma questão do que está por trás do próprio poema? A temporalidade e o ritmo são os grandes complicadores, mas o mais bonito da poesia visual é que, se conseguimos fazer uma boa motivação, há o encanto. É maravilhoso!

CR – No curso que ministrei na Casa Silva Freire, a Larissa [Freire] perguntou o seguinte: “Mas Caio, o que precisamos fazer para despertar o interesse dos jovens?”. E eu respondi: “Larissa, não vou poder te ajudar, eu não sei despertar o interesse, mas eu sei despertar a permanência, fazer com que a pessoa queira ficar no museu”. Ela vai ver uma “coisinha”, vai perguntar, e se ela quiser perguntar, vai ter alguém para responder; se ela quiser só se sentar, vai ter um lugar para sentar. Quando a gente faz com que seja sensível a permanência, todas as outras coisas vão acontecendo, e no fim se trata de tempo. Eu não consigo despertar o interesse e nem quero. O interesse tem que despertado pelo que está ali e o efeito que gerou em você, mas eu queria poder possibilitar que você visse isso em um ambiente que lhe desse condições de permanecer ali, e não colocasse um anúncio logo em seguida ou um vídeo que já tem áudio. Isso quebra a experiência de leitura, como quando você está olhando e começa a ler os comentários e isso já se te distrai, te desdobra. Esses outros espaços também existem e podem estar na internet, no virtual também.

ENTREVISTADORES – Para além disso, talvez também fique a pergunta: “será que é uma educação, uma formação de público?” Quem trabalha nas interfaces com outras artes se depara com a necessidade de formação de público e se pega pensando se os mecanismos de leitura que os leitores já têm (pelo menos os já alfabetizados) seriam suficientes para esse acesso. Na poesia visual, por exemplo em gif poemas estudados em um projeto anterior de pesquisa²⁴, observamos uma temporalidade infinita e aquilo era mágico. A temporalidade era o que se impunha na leitura, e por isso queríamos saber como você pensa a temporalidade nos seus poemas visuais. Será que é uma percepção só da recepção de quem está vendo, lendo, ou estudando a poesia nesses espaços ou também estaria presente no momento da produção em si, para quem está criando para essas plataformas?

²⁴ A pesquisa em questão culminou na tese de Doutorado da pesquisadora Livia Ribeiro Bertges, sob orientação do Prof. Dr. Vinícius Carvalho Pereira. Mais especificamente sobre a análise da temporalidade em gif poemas, cf. Bertges e Pereira (2017).



CR – Tem um perfil que eu sigo (@0245.am) que posta coisas muito legais todos os dias à meia-noite, mas que não necessariamente foram produzidas à meia-noite. A primeira imagem, quando você entra no perfil, é toda branca. Você arrasta para o lado e encontra, então, uma foto que estava oculta pela primeira imagem inteiramente branca. Na legenda, estão escritos o dia e o local em que foi tirada a foto. A proposta é você ter que entrar na postagem, arrastar para o lado a imagem branca e poder ver a que vem logo depois. Porém, em uma nova atualização do Instagram, as imagens aparecem não necessariamente na mesma ordem em que foram inseridas no carrossel. O sistema pode, por exemplo, mostrar a oitava foto, e não a primeira. Ou seja, o cara fez algo inédito e a plataforma interveio e afetou a experiência. Era um perfil em que você tinha que entrar para ver. Hoje eu sinto tanto a temporalidade porque eu sou assim: *entro* em site, falo que eu vou *entrar* na internet, ou que estou *mexendo* no computador. Tem aquele site “Tenho mais discos que amigos!”²⁵: eu sempre *entro* nele porque lá tem um monte de notícia legal de banda. Eu *entro* no site da revista *Bravo*²⁶ para ver... Então, esse hábito de *entrar* é sobre permanência, estou entrando para ver, eu não estou apenas deslizando e dando sorte se aparecer algo de que eu gosto.

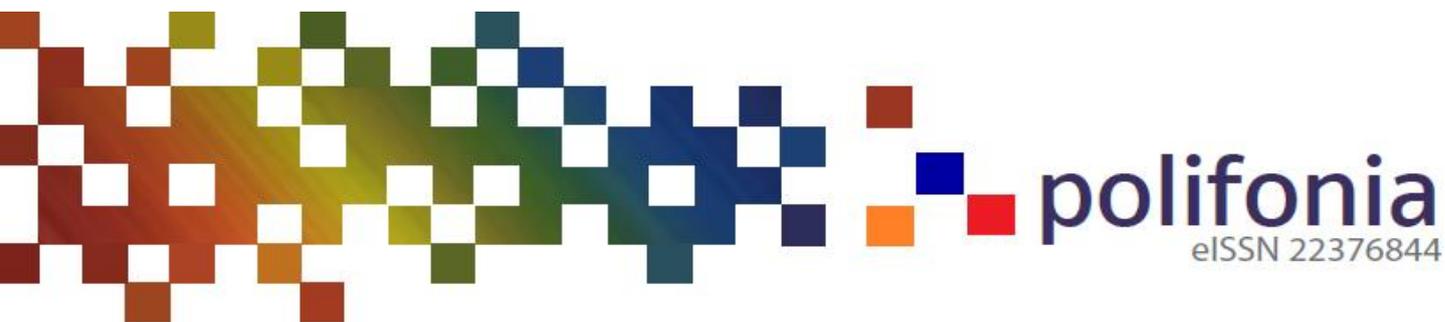
ENTREVISTADORES – Ainda sobre o uso do Instagram: será que isso não tem uma relação com o modo como as pessoas se acostumaram a usá-lo? Um costume de ficar, por exemplo, quinze minutos rolando o feed, procurando vídeo para se entreter, ver “coisas” bobas, e não de usá-lo para buscar literatura...

CR – Eu acho que tem tudo a ver: as pessoas fazem tudo ao mesmo tempo, o tempo todo. Faz a próxima, senão a gente não sai dessa questão (risos).

ENTREVISTADORES – Voltando um pouco para os “Impulsopoemas”, queríamos perguntar sobre como foi o processo de escrita deles: quando você recebia a palavra enviada pelos leitores, de que forma você pensava o poema?

²⁵ Disponível em <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/>.

²⁶ Disponível em <https://bravo.abril.com.br/>.

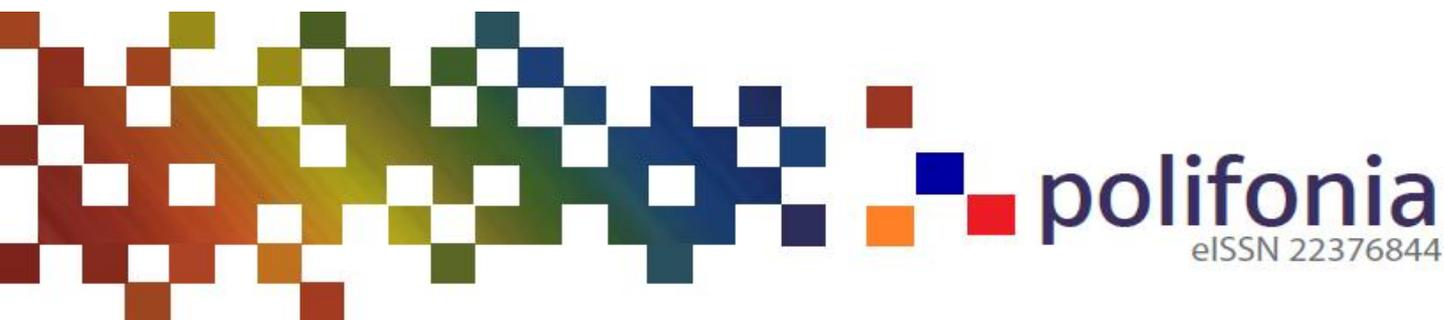


CR – Comecei em um dia de tédio: estava chovendo, quando eu filmei a janela pingando e escrevi: “Manda uma palavra que eu mando um poema”. Eu crio muito rápido, mas não estou dizendo que crie coisas boas (risos). Era uma maneira de lidar com o tédio, só que fazendo o que faço com mais facilidade. Literatura, para mim, não é o trabalho de que eu mais gosto na minha vida, porque eu faço com naturalidade. Quando é cinema, eu “entro” em dez crises diárias para fazer, mil processos ao mesmo tempo quando começo a ler. Eu começo a ficar desesperado, porque não tenho naturalidade com isso. Eu preciso treinar e fazer, e com o teatro também. Já a literatura é algo que parece que sai da minha mão, do meu olho, nariz, então acaba que dá para brincar muito com ela. Acho que é por isso que eu consigo brincar tanto, porque está em um campo que, para mim, é o mais natural. Atualmente, por exemplo, estou lá na *Ruído Manifesto*²⁷ escrevendo com outro menino chamado Caio [Augusto Leite], e precisávamos decidir o título de um poema. Ele deu algumas ideias e eu falei que poderia ser “Caio sobre o quadro”²⁸; eu escrevi sobre um quadro, e ele escreveria sobre a queda. Eu realmente estava falando sobre um quadro, e ele sobre a queda de Ícaro nesse quadro. Aí, ficou “Caio sobre o quadro” e “Caio sobre a queda”. Mas eu não tinha consciência do poder desse título; a dimensão do brincar está tão internalizada que às vezes nem percebemos o que estamos criando: só vai saindo, porque o brincar é isso. Os “Impulsopoemas” eram assim também: me mandavam algo e eu mandava de volta, muito rápido: “batia” uma foto do computador onde estava escrevendo o poema e apareciam até palavras sublinhadas em vermelho. Assim mesmo, eu já postava a foto. Me deu vontade de fazer de novo, acho que eu vou abrir mais uma sessão dessas.

ENTREVISTADORES– **É muito interessante ver como você usa esse recurso do Instagram como uma potencialidade de escrita, criação, diálogo. É muito bom**

²⁷ Revista online de Literatura, Crítica e Audiovisual.

²⁸ Disponível em Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/especial-a-arte-do-encontro-um-poema-de-caio-augusto-leite-e-caio-augusto-ribeiro/>.



também ver que esse trabalho da Ruído Manifesto e de outras revistas de Mato Grosso tem dado uma arejada dentro da cena contemporânea.

CR – Tanto é que o espaço mais fácil de se publicar hoje é na Ruído Manifesto, porque ela está na internet então tem uma periodicidade livre. Ela não precisa esperar um mês para fechar uma edição, como a *Pixe*²⁹, por exemplo, ou como a *LE!A*³⁰, que é anual. Tem uma coisa agregadora muito grande também.

ENTREVISTADORES – **É verdade. Isso é algo que muda muito a perspectiva do literário no ambiente de Mato Grosso. É muito interessante poder observar essa circulação e como ela passa não só pelo livro, mas também por outras mídias, periódicos e movimentos.**

CR – Sinceramente, tem que ser assim. O livro é só um suporte; existem muitos outros. Precisamos lutar para que esses outros também sejam reconhecidos, porque a internet está aí, e dentro dela já existem vários segmentos onde você pode publicar. Acho de grande importância a Ruído, a Mallarmagens³¹, das grandes revistas nacionais que eu conheço. A gente precisa estar no ambiente virtual também.

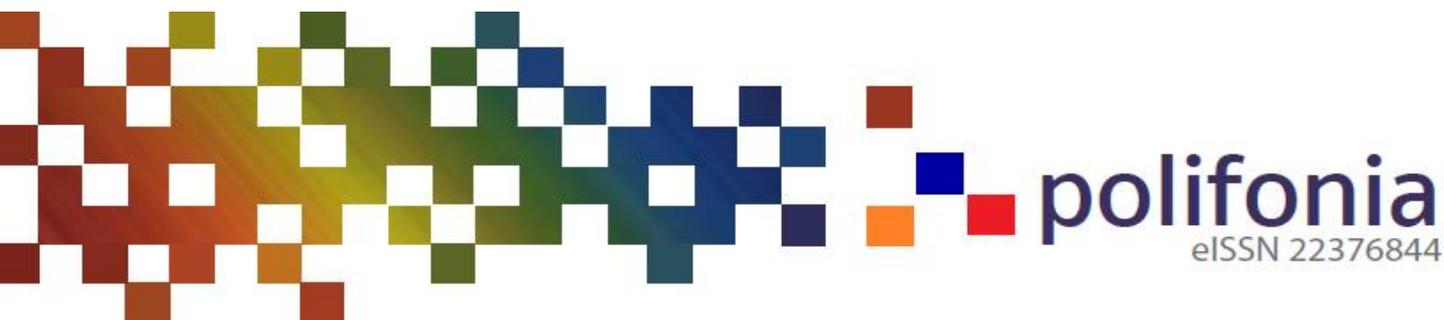
ENTREVISTADORES – **Caio, gostaríamos de lhe agradecer pela sua generosidade e por ter compartilhado um pouco do seu universo com a gente. Foram super esclarecedoras as suas respostas e aprendemos muito. Já temos algumas respostas para os caminhos que vamos seguir nas próximas etapas da pesquisa sobre a poesia digital em Mato Grosso.**

CR – Agradeço demais e só gostaria de dar um conselho: vocês têm as respostas mas guardem também perguntas.

²⁹ Revista literária disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/>

³⁰ Revista anual literária do Sesc. O volume de 2021 teve como editor geral o poeta Caio Ribeiro. Mais informações disponíveis em: <https://www.caioribeiroarte.com/revistaleia>.

³¹ Revista de poesia e arte contemporânea. Disponível em: <http://www.mallarmagens.com/>.



Referências

BERTGES, Lívia Ribeiro; PEREIRA, Vinícius Carvalho. Uma proposta de análise do gênero GIF poem a partir de “Asas” e “Volve”, de Arnaldo Antunes. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 13, n. 2, p. 492-507, 2017. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/7250>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

DIAS-PINO, Wladimir. Manifesto intensivista. *Sarã*, Cuiabá, n. IV, ano I, jul. 1951.

DOS SANTOS, Matheus Guilherme Antunes Soares; BERTGES, Lívia Ribeiro; PEREIRA, Vinícius Carvalho. Instapoesia: uma leitura de “Impulsopoemas”, de Caio Ribeiro. In: BERTGES, Lívia Ribeiro; MAGALHÃES, Epaminondas de Matos (Org.). *Escrita e leitura: vias de acesso*. No prelo.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

KRAUSS, Rosalind. Sculpture in Expanded Field. *The Originality of the Avant-Garde and other Modernist Myths*. Cambridge, Massachusetts, London: MIT Press, 1985.

LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. Silva Freire e a poética das palavras-matrizes: ressonâncias do Poema//Processo. *Signótica*, Goiânia, v. 30, n. 3, p. 474-498, jul./set. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sig/article/view/48986>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

RIBEIRO, Caio Augusto. *Colecionador de tempestades*. Cuiabá: Tanta Tinta Editorial, 2017.

RIBEIRO, Caio Augusto. *Manifesto da manifesta*. Cuiabá: Tanta Tinta Editorial, 2018.

RIBEIRO, Caio Augusto. *Manifesto da manifesta: mundo-livro*. Cuiabá: Entrelinhas, 2021.

RIBEIRO, Caio Augusto; LEITE, Marília Beatriz de Figueiredo. *Loucos e sábios: o livro dos diamantes*. Cuiabá: Entrelinhas, 2021.

ROCHA, Rejane Cristina. Contribuições para uma reflexão sobre a literatura em contexto digital. *Revista da Anpoll*, Londrina, v. 1, n. 36, p. 160–186, 2014. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/680>>. Acesso em: 10 mai. 2023.